

## **Comunicação e Memória: As narrativas orais das irmãs Valéria e Verônica no Cariri-Cearense<sup>1</sup>**

Ana Julya Carvalho SAMPAIO<sup>2</sup>

Tiago Coutinho PARENTE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO.**

As narrativas orais de duas personagens do Cariri, as irmãs gêmeas Verônica e Valéria, são usadas como gancho para a discussão do processo comunicacional, a partir da oralidade e dos relatos da memória. O áudio produzido pelo projeto *Narrativas em Volta do Fogo*, executado por um grupo de estudantes e professores do curso de jornalismo da Universidade Federal do Cariri, serviu como base para a construção da pesquisa, juntamente com a revisão bibliográfica. O objetivo é reivindicar a importância da oralidade na comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** oralidade; memória; narrativas; comunicação; cultura.

### **INTRODUÇÃO**

O presente resumo expandido nasce a partir do contato com o áudio produzido pelo projeto *Narrativas em Volta do Fogo*, em 2014, idealizado pela ONG Mediação de Saberes, executado por estudantes e professores da Universidade Federal do Cariri (UFCA). O grupo possuía como objetivo a escuta de contação de histórias. No áudio obtido, um dos organizadores do evento, Rodolfo Santana, inicia: “não é uma palestra, não é uma aula, é um exercício de escuta, é uma contação de histórias”.

Um dos encontros realizado pelo projeto, no dia 29 de novembro de 2014, reuniu as irmãs gêmeas Verônica Neuma das Neves Carvalho e Valéria Gercina das Neves Carvalho, duas personagens essenciais nos movimentos negro e de mulheres do Ceará e do Cariri. “O projeto *Narrativas em Volta do Fogo* aposta numa ideia de outra velocidade da cidade [...], uma outra possibilidade de construir novas narrativas históricas para a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da UFCA, email: ana.sampaio@aluno.ufca.edu.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo da UFCA, email: tiago.pARENTE@ufca.edu.br

região” (PARENTE, 2014, P.1), nesse sentido, o projeto contribuiu na construção de uma nova memória coletiva da região do Cariri.

Alinhando o áudio produzido pelo projeto, junto a uma revisão bibliográfica sobre memória e comunicação; o resumo pretende traçar a importância das narrativas orais das pessoas como ferramenta para construção da memória coletiva e da história contra-hegemônica.

## MEMÓRIA E ORALIDADE

O início dos relatos de Valéria e Verônica é marcado por falas importantes sobre o reconhecimento de suas memórias como potencialidades. No relato, Verônica disse: “Nós temos essa história... Se vocês estão convidando a gente hoje para aqui é porque talvez seja importante a gente contar essa história” (CARVALHO, 2014), confirmando que tem conhecimento que sua oralidade é reconhecida como necessária. Levando em conta que elas não estão inseridas em ambientes acadêmicos, “as suas histórias têm conhecimento transmitido pela informalidade, pela oralidade e pela experiência” (PARENTE, 2014, p.2).

O artifício da oralidade como ferramenta de comunicação, para que seja possível contar as histórias para os ouvintes do projeto, fortalece debates importantes sobre a oralidade como ponto central na comunicação. Levando em conta as comunidades que foram consideradas primitivas por ter a oralidade como fator comunicacional, pode-se pensar que determinamos linguagens, como a escrita e o visual, como mais corretas; fazendo com que “nós, de algum modo, refinamos tanto as técnicas dessas artes que a nossa sensibilidade recusa espontaneamente a imediatez do aparelho vocal”. (ZUMTHOR, 1977, p. 11)

A oralidade, a partir da progressão das demais formas de comunicação, foi esquecida como fator importante, mas o projeto Narrativas em Volta do Fogo se propõe a escutar as narrativas de duas mulheres negras pela oralidade; tendo assim acesso às novas versões da história; de forma racializada e contra-hegemônica. “Há possibilidades de recontar essa história do nosso ponto de vista, do ponto de vista do negro, exaltando nossos heróis, nossos reinos, nossa força e nossa coragem” (MALAFAIA, 2019, p.1); entende-se que partindo das experiências vivenciadas por elas, há formas de recontar a história.

Porque nós aprendemos na nossa casa que nós não somos piores do que ser vivente nenhum, então eu tenho que ser respeitada na minha existência reconhecida e valorizada como mulher negra que sou. (CARVALHO, 2014, comunicação oral)

A relação de ambas as irmãs com a identidade, enquanto mulheres negras, está diretamente relacionada com os episódios de racismo vivenciados. Entretanto, para além do racismo, que está posto socialmente, o fortalecimento da família construiu uma identidade forte e é através do viés do pertencimento que elas narram as suas lutas. Durante todo o áudio, as narrativas se sucedem como uma boa conversa, muito naturalmente elas dizem sobre trajetórias e resistências; pela voz é possível identificar como "narrar é uma forma de estar no mundo" (BARBOSA, 2019, p.16).

## **MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA**

O processo comunicacional da oralidade está também atrelado às gêmeas no que concerne à ancestralidade, tendo em vista que, como elas relatam, seus familiares mais velhos também repassavam saberes através da oralidade. Relembrando as tradições do continente africano, onde “a oralidade apresenta, no campo da memória, uma faculdade tradicional de transmissão de conhecimentos” . (DRAVET; OLIVEIRA, p.25, 2017)

A memória individual pode passar a ser uma memória coletiva a partir da comparação que é feita entre quem fala e quem escuta. A memória não é unicamente individual, nem somente coletiva, mas ambas são entrelaçadas, “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, p.51, 2006). A partir de um relato de Valéria é possível contradizer a história que foi disseminada no passado que no Ceará não existiam negros:

Os negros e negras nesse país e nessa cidade maravilhosa, eles, eles, minha gente muitas vezes tem que se virar pelos avessos, porque pelo avesso mesmo, porque você não ser respeitada no seu jeito de ser, naquilo que você não pode mudar, na sua existência, você ser desrespeitada, desqualificada porque é negra, porque tem o cabelo ruim. (CARVALHO, 2014, comunicação oral)

Nesse trecho do áudio é retratado o racismo vivenciado pelo povo negro e referenciado também a cidade do Crato, no interior do Ceará. No estado, como um todo, muitas vezes foi negada a existência de negros e negras. “Essa foi uma ferramenta utilizada também para velar o racismo existente no estado” (BEZERRA, NUNES, 2021, p.58). A memória individual atravessa a coletiva como quem diz: “Não é bem assim!” e reconta a partir do que foi registrado na sua própria perspectiva.

Quando Valéria relata que se sentiu desrespeitada e desqualificada unicamente por ela ser uma mulher negra é o registro de que na história do Cariri; logo, no Ceará, o racismo existiu e existe. Mas se não escutarmos pelas narrativas de negros e negras do Ceará quem contará a história do racismo no estado? “Ao renegar o passado, constroem a exclusão como teia dominante nas relações sociais do Brasil”(BARBOSA, 2019, 24 e 25), nesse aspecto podemos pensar como a negação do racismo contribui na perpetuação deste, dificultando a criação de mecanismos de combate.

Narrando tudo que aconteceu em suas vidas, as irmãs reconstróem suas memórias ao mesmo tempo em que oferecem a quem escuta novas possibilidades de enxergar o mundo, seja o território do Cariri, o racismo no Brasil ou as noções de amor e família. Para pessoas negras, em alguns casos, “o compartilhamento dessa memória forma uma ‘comunidade de sentimentos’, pois vai ser por meio dela que o grupo de indivíduos é capaz de compreender suas origens” (MARQUES, 2021, p. 47).

## **MEMÓRIA E LUTA**

Valéria Gercina das Neves Carvalho e Verônica Neuma das Neves Carvalho foram propulsoras do movimento de mulheres no Cariri e responsáveis, juntas com outros ativistas, pela criação do GRUNEC (Grupo de Valorização Negra no Cariri). O grupo foi criado em 2001 e é um “ponto de articulação para o Movimento Negro na região do Cariri, vai à perspectiva da promoção da vida, da dignidade das mulheres negras e do povo negro” (BEZERRA;NUNES, 2021, p.68).

A luta das irmãs Valéria e Verônica é construída a partir das memórias. A transformação social que elas carregam através da sua luta também. Para além das atuações nos segmentos já citados, Verônica também narrou:



Nesse segmento de criança e adolescente, de mulher, de negro, onde a gente achava que podia colocar o pitaco a gente tava metida, a gente se metia, porque, porque a indignação mora, ela mora aqui dentro, e enquanto não se efetivar a tal da igualdade, da igualdade entre as pessoas, eu acho que a gente tá aí preparada para a luta. (CARVALHO, 2014, comunicação oral)

O sentido de a luta morar dentro de si, está inteiramente ligado ao sujeito. Por que a luta mora *dentro* dela? A identificação de outros sujeitos com sua realidade também é necessário para que seja possível que a luta, enquanto movimento organizado, se concretize. A função social das narrativas orais também é a identificação entre os indivíduos, uma vez que a “memória individual reforça as lembranças e se fortalece na memória coletiva” (BEZERRA; NUNES, 2021, p.).

## CONCLUSÃO

As narrativas orais de Verônica e Valéria, duas mulheres, confrontam, a partir de suas experiências e memórias, a história hegemônica que muitas vezes não é questionada. Narradas suas trajetórias, em volta do fogo, elas recontam a história a partir de suas perspectivas, criando novas imagens da memória social e coletiva.

A comunicação através da oralidade tem o potencial de ressignificar conhecimentos e abrir espaço para que mais pessoas que não estiveram à frente das produções de conhecimentos academicistas possam narrar suas vivências, proporcionando a transmissão de saberes e da identidade cultural.

O áudio de 2014 atravessou quase 10 anos para mais uma vez ser norteador para o conhecimento científico. Um projeto da comunicação como o Narrativas em Volta do Fogo pode ser um exemplo de caminho para outros meios de comunicação que esquecem a importância da oralidade e de escutar sujeitos que não estão na frente da mídia tradicional, mas construindo vidas de lutas e conhecimentos que merecem ser enaltecidos, registrados e preservados.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. B.. **Comunicação, História e Memória**: diálogos possíveis. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2019.

BEZERRA, M. R. F.; NUNES, C.. **Movimentos Negros no Ceará: um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri**. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2021.

CARVALHO, V. N. N. **Representante do Grupo de Valorização Negra do Cariri**. Narração concedida ao projeto Narrativas em Volta do Fogo, 2014.

CARVALHO, V. G. N. **Representante do Grupo de Valorização Negra do Cariri**. Narração concedida ao projeto Narrativas em Volta do Fogo, 2014.

DRAVET, F. M.; OLIVEIRA, A. S.. **Relação entre Oralidade e Escrita na Comunicação: Sanka, um provérbio africano**. Miscelânea Assis, Revista de Literatura e Vida, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **Memória Ancestral: uma potência para reconstrução de nossa história**. Vitória: III COPENE SUDESTE, 2019.

MARQUES, Carolina Lopes. **Reportagem Multimídia Memorialística: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021.

PARENTE, Tiago Coutinho. **Memórias em Volta do Fogo: O Exercício de Outras Narrativas para o Cariri**. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida, São Paulo: Hucitec, 1997.